

A HIPOCORIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: DO CONCEITUAL AOS PADRÕES DE FORMAÇÃO

Hayla Thami LAGE

(Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro)

RESUMO: *O presente artigo visa a apresentar a hipocorização no Português Brasileiro (PB) desde seu conceito até a organização de padrões de formação que regem o uso desse processo em contextos familiares. A hipocorização, segundo Gonçalves (2004), é um processo não concatenativo de formação de palavras e, portanto, constitui-se a partir da perda de material segmental de uma base, no caso, um antropônimo. Esse encurtamento, utilizado em contextos de maior familiaridade, obedece a alguns padrões de formação, como ocorre com ‘Cristina’ > ‘Crís’¹, em que há cópia da margem esquerda da palavra prosódica; e ‘Francisco’ > ‘Chico’, cujo margeamento ocorre à direita da palavra-base. Dessa forma, poderemos compreender que a hipocorização não é idiossincrática ou imprevisível (ZANOTTO, 1989), mas sim o processo produtivo e legitimado pelo uso de nossa língua.*

PALAVRAS-CHAVE: *Processos não concatenativos; Hipocorização e interface morfologia-fonologia.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, revisitamos a definição de Hipocorização a partir da perspectiva da Gramática Tradicional (GT) e, em seguida, propomos um novo entendimento acerca do fenômeno ora em questão. Além disso, com a finalidade de mostrar que, por meio da interface morfologia-fonologia, é possível não só melhor representar a construção formal dos hipocorísticos, como também mostrar que eles se estruturam de modo organizado e previsível, elencamos padrões de formação para esses encurtamentos. Sendo assim, na primeira seção, são apresentadas definições para o processo de hipocorização. Na segunda seção, delimitamos os padrões de formação para o PB e, por fim, tecemos alguns considerações finais sobre a proposta apresentada.

DA TRADIÇÃO À INOVAÇÃO: UM NOVO OLHAR SOBRE A HIPOCORIZAÇÃO

Pela tradição gramatical, infere-se que a morfologia do português fundamenta-se, sobretudo, na formação de itens lexicais a partir do encadeamento de formativos; logo, pode-se dizer que vocábulos são gerados, basicamente, a partir de dois grandes processos – a derivação e a composição. Na derivação, como se sabe, acrescenta-se um afixo a uma base de maneira a formar uma nova palavra na língua; na composição, duas bases (radicais ou palavras) se fundem para gerar um novo vocábulo. Alguns fenômenos, entretanto, não se manifestam pela estrita concatenação de morfemas. A partir da perda de material fonológico, por exemplo, também se constituem novas palavras, como ocorre com a hipocorização – ‘Renata’ > ‘Rê’ – e com o truncamento – ‘refrigerante’ > ‘refri’.

A gramática tradicional, quando cita processos como esses, não consegue organizá-los segundo características afins e, com isso, acaba por considerar os fenômenos de encurtamento anômalos ou irregulares do ponto de vista formal, o que, por sua vez, faz deles os “mal-comportados” do português.

¹Cumprе salientar que o uso do acento agudo, para vogais abertas, e circunflexo, para fechadas, indica unicamente a tonicidade da sílaba e, portanto, não está necessariamente de acordo com as regras de acentuação do português.

Em Cunha & Cintra (2001), por exemplo, encontramos, nas últimas páginas que abordam os processos de formação de palavras, uma subseção denominada “abreviação vocabular”. Nesta, os autores explicitam que, devido ao “ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias”, acabamos por ser obrigados a fazer uso de uma “elocução mais rápida”, de modo que, para “economizar tempo e palavra” (CUNHA & CINTRA, 2001: 116), utilizamos algumas reduções linguísticas, como ocorre em dados como ‘moto’, em lugar de ‘motocicleta’, e ‘auto’, em vez de ‘automóvel’.

Cumprе salientar, ainda, que os autores não apresentam nenhum dado de “abreviação” que tenha como base um antropônimo. Mas, segundo a definição proposta, os hipocorísticos parecem estar incluídos nesse grupo genérico de formação de palavras, caracterizado, em linhas bem gerais, pela perda segmental e atrelado, por isso mesmo, à economia linguística.

Bechara (2009), outro autor de orientação prescritivista, propõe um apêndice no capítulo destinado aos processos de formação de palavras do português. No subitem “abreviação”, definido como “emprego de uma parte da palavra pelo todo” (*op.cit.*: 371), o autor inclui dados como ‘extraordinário’ e ‘extrafino’ > ‘êtra’, o que confirma que Cunha & Cintra (*op.cit.*) e Bechara (*op.cit.*) atribuem o rótulo “abreviação” aos processos de encurtamento do português.

Com esse título genérico, os autores nos levam a pensar que dados como ‘televisão’ > ‘téle’ são equiparáveis a abreviações como ‘senhor.’ > ‘sr.’, por exemplo. Dessa forma, é importante ressaltar que a hipocorização, bem como um truncamento, não são abreviações, pois, ao contrário do que ocorre em ‘você’ > ‘vc’, típico fenômeno da língua escrita e sem qualquer compromisso com as bordas do constituinte-base, o hipocorístico respeita a integridade da margem mais à esquerda da palavra-matriz, como em ‘Mariana’ > ‘Mári’, ou da margem mais à direita, como em ‘Marilena’ > ‘Nêna’, ou até mesmo copia a sílaba tônica, como em ‘Isabel’ > ‘Bél’. O mesmo ocorre com o truncamento, que também preserva o material fonológico à esquerda da base, como descrito em Gonçalves (2004), Gonçalves & Vazques (2005), Belchor (2009) e Gonçalves (2011).

Uma abordagem um pouco mais detalhada acerca de processos “mal-comportados” do português é a de Rocha Lima (2003). Para o autor, os hipocorísticos são uma “alteração, nascida em âmbito familiar, do prenome ou nome próprio individual” (*op.cit.*: 227), como ocorre em ‘Fabiana’ > ‘Fafá’; ‘Filomena’ > ‘Filó’; ‘Fernanda’ > ‘Nânda’ e ‘Roberto’ > ‘Betinho’.

De fato, Rocha Lima (*op.cit.*) percebe que a hipocorização se refere a antropônimos; no entanto, o grande problema de sua abordagem é denominar “subsidiários” processos regulares e produtivos, como é o caso da hipocorização. Além disso, o autor agrupa, em um mesmo conjunto de dados, casos de encurtamento e outros de derivação, todos alocados na seção destinada a processos “subsidiários” ou marginais.

É importante reforçar, entretanto, que, se os hipocorísticos fossem formados a partir do encadeamento de afixos, como em ‘Roberto’ > ‘Betinho’, o processo estaria em consonância com a derivação e, por isso mesmo, não deveria estar incluso sob o rótulo de “subsidiário”. Na verdade, a hipocorização é responsável por gerar bases encurtadas que, por sua vez, estão disponíveis na língua e, com isso, podem sofrer o acréscimo de afixos expressivos variados, como -ico (‘Tônico’), -inho (‘Cadinho’), -ito (‘Eduzito’) e -ão (‘Xandão’), entre tantos outros.

Compactuando o ponto de vista de Rocha Lima (*op.cit.*), Monteiro (1983) propôs a análise dos hipocorísticos e, inclusive, um dicionário de dados. O autor, entretanto, ao definir o processo como “uma alteração do prenome ou nome próprio individual” e apresentar a lista seguinte de hipocorísticos para ‘Antônio’

‘Totônio’, ‘Toim’, ‘Tõe’, ‘Totô’, ‘Tó’, ‘Tozinho’, ‘Nanan’, ‘Toinho’, ‘Tom’, ‘Toni’, ‘Tonico’, ‘Toquinho’, ‘Tota’, ‘Tuquinho’, ‘Tonhão’, ‘Tonton’, ‘Tonho’, ‘Toninho’, ‘Toinzin’, ‘Niquinho’, ‘Tonhozinho’, ‘Totoca’, ‘Tonheiro’, ‘Mitonho’, ‘Nini’, ‘Nico’, ‘Tonca’, ‘Antoinho’, ‘Antoninho’, ‘Toinzinho’, ‘Tontonho’, ‘Tutu’, ‘Tutuca’, ‘Tonito’, ‘Nito’, ‘Sitônio’, ‘Tonzinho’, ‘Tinoco’, ‘Tonico’, ‘Antoni’, ‘Antonieto’ e ‘Tonhim’

faz com que, de fato, o número de dados se torne infinito, considerando que é um hipocorístico qualquer alteração no prenome, sem se preocupar, por exemplo, com a relação de identidade entre a palavra-base e o item lexical formado a partir desta.

No dicionário proposto por Monteiro (1999), há formas hipocorísticas extremamente opacas, a exemplo de ‘Antônio’ > ‘Tú’, em que o rastreamento da base a partir da qual se forma o item lexical não tem relação estrita com o prenome e, por isso, não se observa a formação de um hipocorístico. Logo, se não é possível associar ‘Tú’ a ‘Antônio’, a forma linguística resultante é opaca, o que comprova a não correspondência mínima entre as duas.

Sendo assim, a hipocorização não é um “vale-tudo” de dados sem qualquer relação com o prenome a que fazem referência; hipocorísticos constituem itens lexicais estreitamente relacionados à palavra-matriz. Em oposição a isso, tem-se o uso de apelidos. Estes não são utilizados a partir de vínculos formais entre base e produto, mas sim a partir de características extralinguísticas, como é o caso de ‘Anão’ referindo-se a alguém baixo, ou ‘Marrom’, que faz referência à cantora Alcione. O mesmo raciocínio se aplica a dados como ‘Bituca’ para o cantor Milton Nascimento ou ainda ‘Spider’ para o lutador Anderson Silva. Nesses exemplos, a relação entre indivíduo-apelido não tem a ver com o seu antropônimo e, portanto, não temos um processo de formação de palavras, como é o caso da hipocorização.

Gonçalves (*op.cit.*) entende a hipocorização, enquanto um fenômeno de encurtamento de antropônimos, de modo a preservar parte da base para que seja possível o rastreamento do prenome a partir da forma encurtada. O autor ainda observa que os encurtamentos de prenomes constituem palavra mínima na língua, já que são compostos por até um pé binário (as palavras resultantes são maximamente dissilábicas²).

Tendo em vista a definição do autor, verifica-se que a hipocorização não deve ser entendida apenas como um processo morfológico, mas como um caso de interface morfologia-fonologia, já que a perda de segmentos fônicos, condicionada por questões de ordem morfoprosódica, gera um novo item lexical, dado o caráter afetivo atribuído aos hipocorísticos.

Após discutida a definição de hipocorização adotada neste trabalho, é importante destacar a diferença entre a hipocorização e o truncamento – outro processo não-concatenativo de formação de palavras, analisado em detalhes por Belchor (2009). Muitos autores, como é o caso de Benua (1995), Colina (1996) e Piñeros (2000), defendem que a hipocorização é um subtipo do que se denomina truncamento. Nós, contudo, adotamos a visão de Gonçalves (2004a) também reiterada por Thami da Silva (2009), Lima (2009) e Belchor (*op.cit.*). Na proposta do autor, a hipocorização e o truncamento são processos distintos, ainda que impliquem encurtamentos e atuem na interface morfologia-fonologia.

Em primeiro lugar, é importante salientar que a hipocorização restringe-se aos antropônimos, enquanto o truncamento expande-se, além de substantivos próprios (‘Florianoópolis’ > ‘Florípa’), a outras classes formais, como a dos substantivos comuns

² Na fonologia do português, há duas estruturas organizacionais relativas à formação de pés. Uma diz respeito ao pé métrico que se caracteriza por contar o número de sílabas e a outra que trata de formar estruturas por meio de moras, isto é, unidades de peso que garantem a formação de níveis prosódicos, tal como pés, palavra prosódica e palavra morfológica.

(‘beleza’ > ‘belê’) e a dos adjetivos (‘sofisticado’ > ‘sofís’). Em segundo lugar, deve-se frisar que o valor expressivo dos hipocorísticos está associado à afetividade e, portanto, demonstra proximidade entre os interactantes; ao contrário, o truncamento, na maior parte dos casos (cf. GONÇALVES, 2011), relaciona-se à expressão da pejoratividade, como em ‘vagabunda’ > ‘vagába’; ‘português’ > ‘portúga’, ou à simples expressão do grau de (in)formalidade, como em ‘exposição’ > ‘expô’; ‘refrigerante’ > ‘refri’. Por fim, truncamento e hipocorização devem ser vistos como processos distintos, posto que o primeiro gera uma forma de superfície de até um pé binário, como ocorre com ‘Fabiana’ > ‘Fabi’, e o truncamento admite um encurtamento formado, por exemplo, por três sílabas, como ‘salafrário’ > ‘saláfra’. Esta é a principal diferença entre os dois processos, na visão de Gonçalves (2006): hipocorísticos são palavras mínimas; truncamentos, não necessariamente.

Dessa forma, concluímos que a hipocorização deve ser compreendida não somente como um fenômeno morfológico, mas sim como um processo de interface morfologia e fonologia que, por sua vez, acessa contextos pragmáticos afetivos. E, para entendermos melhor esses usos e subtipos, na seção seguinte, apresentaremos os padrões de hipocorização do PB.

OS TIPOS DE HIPOCORIZAÇÃO DO PB: UMA BREVE TRAJETÓRIA

Segundo Gonçalves (*op.cit.*), há quatro tipos de hipocorísticos. O primeiro, amplamente estudado pelo autor, consiste na cópia dos segmentos melódicos à direita da palavra-base, como em ‘Cleonice’ – ‘Níce’. O segundo, analisado com mais profundidade em Thami da Silva (2008), copia os segmentos à esquerda da palavra, a exemplo do que ocorre em ‘Rafael’ – ‘Ráfa’. O terceiro, descrito por Thami da Silva (2008), rastreia a primeira sílaba com *onset* do antropônimo, sendo esta passível ou não de reduplicação, como ocorre em ‘Alessandra’ – ‘Lê’ ou ‘Lelê’. E o quarto, abordado por Lima (2008), reduplica a sílaba tônica do antropônimo, como em ‘Barnabé’ – ‘Bé’ ou ‘Bebé’. A seguir, descreveremos cada um desses padrões já propostos.

O padrão *default* de hipocorização

O padrão A, descrito por Gonçalves (*op.cit.*), no que concerne à estrutura formal, apresenta configuração ‘CV.CV³’, como em ‘Augusto’ > ‘Gúto’, ou ‘CVC.CV’, como ocorre em ‘Edvaldo’ > ‘Váldo’. Quanto à ancoragem em relação ao antropônimo, o material fonológico preservado da base encontra-se à direita da palavra prosódica. Uma especificidade desse padrão de hipocorização diz respeito à sílaba tônica. Diferente do tipo B, descrito a seguir, no modelo *default*, mantém-se a sílaba tônica da palavra-base e, conforme revelam os dados, os prenomes que se incluem nesse padrão têm acento paroxítono e, portanto, o hipocorístico compõe-se por um pé troqueu moraicó.

Quanto à estrutura silábica, pode-se afirmar que o tipo A (a) privilegia estruturas CV, mas, a fim de preservar integralmente a sílaba tônica, emergem dados em que o preenchimento da coda é licenciado (‘Naldo’ < ‘Arnaldo’; ‘Meire’ < ‘Rosimeire’; ‘Irineu’ > ‘Neu’; ‘Isabel’ > ‘Bel’); e (b) bloqueia formações iniciadas por tepe e, nesses casos, copia-se o ataque da sílaba mais à direita, como em ‘Murilo’ > ‘Lílo’.

³ Na notação apresentada, C diz respeito a consoantes e V, a vogais.

O padrão B de hipocorização

No que concerne ao tipo B, analisado por Thami da Silva (2008, 2009), são copiados os segmentos à esquerda do antropônimo e a sequência fônica escaneada pode apresentar duas sílabas leves⁴, como em ‘Filomena’ > ‘Filó’, ou uma sílaba pesada, como ‘Gilberto’ > ‘Gíl’, o que caracteriza a formação de um pé bimoraico.

Sobre a pauta acentual dos hipocorísticos, os dados revelam que três fatores determinam a localização da tônica nos casos dissilábicos. O primeiro diz respeito aos encurtamentos terminados em vogais médias. Casos como o de ‘Alessandra’ > ‘Alê’ requerem o acento à direita da palavra prosódica para garantir a identidade de traços entre a base e seu encurtamento, já que o português apresenta, na posição postônica final, apenas três vogais – /I, U, a/ (MATTOSO CÂMARA JR., 1970) – e o acento na primeira sílaba detonaria a aplicação da regra, levando à forma [‘a.li], bem mais distante da base que [a.’le].

O segundo fator que determina a acentuação desse padrão de hipocorização proíbe que encurtamentos dissilábicos terminados em –i recebam acento na segunda sílaba, como em ‘Patrícia’ > ‘Páti’. No entanto, vale ressaltar que alguns dados, como ‘Gabriela’ > ‘Gabi’, requerem o acento em –i final, de modo a diferenciar, por exemplo, gênero feminino e masculino, já que o hipocorístico referente a ‘Gabriel’ é ‘Gábi’ e, portanto, apenas a mudança da posição acentual distingue as formas encurtadas relativas aos antropônimos ora em voga.

Por fim, os hipocorísticos, sobretudo os efetuados a partir de antropônimos constituídos por quatro sílabas, em geral, são fiéis ao acento secundário, como ocorre em ‘Janaína’ > ‘Jâna’ e, portanto, este recai à esquerda da palavra prosódica.

É fundamental destacar que alguns dados do tipo B fogem, em princípio, ao padrão estrutural de formação de pés. Casos como o de ‘Priscila’ > ‘Prí’, em que não se materializa a coda, podem caracterizar, na verdade, a formação de um pé degenerado, ou seja, um pé composto por uma única mora. Outra interpretação possível para casos como esses é a de Bisol (1994). Segundo a autora, oxítonas terminadas em vogal, como o hipocorístico ‘Prí’ para ‘Priscila’, em um processo derivacional, desenvolvem uma consoante abstrata capaz de relacionar a base ao sufixo, como em ‘Prizinha’. A consoante, que apenas se manifesta em processos aglutinativos, é, na verdade, subespecificada na representação da base e vem à superfície na morfologia concatenativa.

Cumprido salientar, ainda acerca do tipo B de hipocorização, que, diferentemente do que ocorre com o padrão A, são permitidas complexidades na estrutura silábica. Desse modo, o padrão B condiciona o preenchimento da posição de coda, que não pode ser ocupada, unicamente, por obstruintes. Assim, verificamos que o tipo B prioriza a ancoragem estrita com a margem esquerda da palavra-base, em detrimento de condições que regulem a formação de sílabas menos marcadas, que é o caso do padrão CV.

O padrão C de hipocorização

O padrão C, também descrito por Thami da Silva (2008, 2009), rastreia a primeira sílaba à esquerda do prenome com a posição de ataque preenchida. Essa sílaba pode ser reduplicada, o que faz do padrão C variável, visto que podem vir à superfície encurtamentos compostos por um pé mononoraico (degenerado) ou por um pé bimoraico formado por REDcv.’CV e, então, o acento posiciona-se à direita da palavra prosódica.

⁴ São consideradas sílabas leves no português aquelas que não possuem a posição de coda preenchida.

Os únicos casos que não apresentam possibilidade de trazer à superfície duas formas de *output* são antropônimos iniciados com erre-forte, como em ‘Renata’ > ‘Rê’. Para esse antropônimo, por exemplo, não emerge a forma *Rerê, posto que, no português, uma regra fonotática bloqueia a contiguidade de erres-fortes, como sinalizado em Thami da Silva (2008). Ressalte-se, portanto, que há um impedimento da própria fonologia da língua para o uso do reduplicante, o que traz à superfície uma única forma.

É importante destacar que o padrão C, diferentemente do que ocorre no tipo B, caracteriza-se pela manutenção de sílabas com padrão CV. Dessa maneira, a posição de ataque sempre deve ser preenchida, não são licenciadas complexidades no *onset* e as sílabas devem ser livres (abertas), ou seja, não são permitidas codas.

O padrão D de hipocorização

Sobre o padrão D, analisado por Lima (2008, 2009), deve-se afirmar que também constitui um padrão variável de hipocorização, assim como o tipo C. A sílaba tônica é copiada e esta é passível de reduplicação, como em ‘André’ > ‘Dedé’ e ‘Dé’. A principal característica desse padrão é que a sílaba tônica sempre está à direita da palavra prosódica e, além disso, quando apresenta alguma complexidade na posição de ataque, há simplificação da estrutura silábica, de modo a constituir padrão CV ou CVC, já que é licenciado o preenchimento da posição de coda. Nesse último caso – o de sílaba com travamento –, é copiada para o reduplicante apenas a estrutura CV.

Cumpra enfatizar que o padrão D, bem como o C, proíbe complexidades na posição de ataque, como em ‘Dé’, em vez de ‘Dré’ para ‘André’, por exemplo. Em contrapartida, apesar de bloquear *onsets* complexos, é possível o preenchimento da posição de coda, desde que esta seja vocálica.

Observando, pois, a descrição dos padrões de hipocorização no PB, podemos verificar não só regularidades do ponto de vista estrutural, mas também semelhanças capazes de nos fazer repensar a hipocorização como processo não mais composto por quatro tipos formais, mas por três grandes padrões a que outros se vinculam.

Em outras palavras, os hipocorísticos formam-se a partir de dois grandes processos: (a) através da cópia da margem direita da palavra e, para tanto, esta deve conter a cabeça da palavra prosódica; e (b) através da cópia da margem esquerda da palavra-matriz. Isso quer dizer que, na verdade, há dois padrões básicos de hipocorização no PB – os tipos A e B –, como em ‘Augusto’ > ‘Gúto’ e ‘Daniel’ > ‘Dâni’.

Do ponto de vista estrutural, poderíamos considerar que, de um lado, há um padrão de hipocorização que requer a presença da sílaba tônica da base na formação encurtada, o que faria com os tipos A e D se fundissem e, portanto, fossem interpretados como um único padrão de encurtamento. Formas, como, por exemplo, ‘Chíco’ < ‘Francisco’ e ‘Cecêu’ < Alceu, constituem-se formalmente de estruturas morfofonológicas afins. Se o padrão A é categoricamente aquele que preserva a sílaba tônica da palavra-matriz e D, por sua vez, compõem-se quase que estritamente dessa mesma estrutura fonológica, não teríamos, então, um indício de que A e D são, na realidade, um mesmo tipo de formação hipocorística? Por outro lado, em casos como o de ‘Mariana’ > ‘Mári’ e ‘Fernanda’ > ‘Fê’, o que está em jogo não é o margeamento entre a borda esquerda do antropônimo e a do hipocorístico?

No que concerne aos tipos A e D, segundo a proposta de Gonçalves (2004a), podemos verificar que o padrão A, bem como o D, respeita o rastreamento prosódico à direita da base e mantém a sílaba tônica do antropônimo na forma hipocorística. Ou seja, dados como ‘Alcir’ > ‘Cí’ e ‘Marilena’ > ‘Lêna’ são semelhantes em decorrência de privilegiar a margem direita da palavra-base, em função do acento. Além dessas

características formais, tanto os dados do tipo A como os do D, obrigatoriamente, têm a posição de ataque silábico preenchida e, também, não admitem complexidades na estrutura interna da sílaba.

Uma diferença que pode ser observada a partir das descrições propostas por Gonçalves (*op.cit.*) e Lima (2008) para os tipos A e D diz respeito ao preenchimento da posição de coda. Na análise dos autores, observamos que os dados do tipo A admitem o travamento da sílaba, desde que ele ocorra com segmentos vocóides e nasais; já o tipo D limita-se ao uso de vocóides. Ademais, no que concerne à formação de pés, o padrão A forma, necessariamente, troqueus moraicos, enquanto D forma pés iâmbicos.

Outra questão importante a ser destacada diz respeito à possibilidade de acréscimo de um reduplicante nos dados relativos ao tipo D de hipocorização. De fato, esta seria uma diferença; entretanto, estamos preocupados em checar as possíveis bases oriundas do encurtamento dos antropônimos, ou seja, como não consideramos formas hipocorísticas aquelas que têm acréscimo de formativos, como ‘Biazinha’ para ‘Beatriz’, por exemplo, tampouco analisamos a possibilidade de se adjungir à base um reduplicante, visto que certas estruturas, como ‘Di’ para ‘Jurandir’, admitem a cópia da sílaba CV e, então, a formação de “Didi”. Como se trata de uma base livre na língua, ela está sujeita a novos processos morfológicos a que não nos ateremos neste artigo.

A partir das observações elencadas anteriormente, elaboramos a tabela a seguir que mostra a síntese das observações formais que aproximam e distinguem os padrões A e D de hipocorização:

(01)

Aspectos formais observados	PADRÃO A	PADRÃO D
Rastreamento prosódico	à direita da palavra-matriz	à direita da palavra-matriz
Manutenção da sílaba tônica da base	obrigatória	obrigatória
Formação de pés	troqueu moraicó	iambo
Questões da sílaba:		
● Preenchimento da posição de ataque	obrigatório	obrigatório
● Preenchimento da posição de coda	possível, por segmentos vocóides ou nasais	possível, por segmentos vocóides
● Complexidades estruturais no interior da sílaba	não são licenciadas	não são licenciadas

A hipocorização no português do Brasil: do conceitual aos padrões de formação

Como se pode verificar, considerando os aspectos formais mais gerais acerca dos padrões citados, percebemos que predominam as semelhanças estruturais entre esses tipos de hipocorização. Além disso, no que tange às divergências, em alguns casos, elas não são totais, como ocorre, por exemplo, no preenchimento da posição de coda. Tanto A como D licenciam codas vocóides, o que aponta para o fato de que A contém D. Dessa forma, ainda que algumas diferenças possam ser apontadas, D, de fato, está contido no tipo A de hipocorização, considerando, para tanto, aspectos formais.

Quanto aos padrões B e C, verificamos como principal semelhança o fato de ambos privilegiarem a margem esquerda da palavra-matriz que, como se sabe, na hipocorização, é um antropônimo. Essa posição fonológica, considerada proeminente segundo Beckmann (1998), pode ser, no caso do tipo B, o pé mais à esquerda, como em ‘Filomena’ > ‘Filó’ ou a primeira sílaba com *onset* preenchido, no caso do tipo C, como em ‘Eduardo’ > ‘Dú’. Ademais, outra semelhança diz respeito a não-obrigatoriedade de manutenção da sílaba tônica da base no formação encurtada.

Do ponto de vista estrutural, as semelhanças entre as formas B e C param por aí. Enquanto B, de um lado, requer a manutenção praticamente total do constituinte prosódico à esquerda em detrimento de uma formação silábica menos marcada, o padrão C leva a cabo a simplificação da sílaba, trazendo à superfície dados constituídos de sílabas CV e, portanto, menos marcadas quanto à forma, conforme comprovamos com a tabela, em (02), a seguir:

(02)

Aspectos formais observados	PADRÃO B	PADRÃO C
Rastreamento prosódico	à esquerda da palavra-matriz	à esquerda da palavra-matriz
Manutenção da sílaba tônica da base	não-obrigatória	não-obrigatória
Formação de pés	troqueu moraico ou iambo	degenerado
Questões da sílaba:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Preenchimento da posição de ataque 	não-obrigatório	obrigatório
<ul style="list-style-type: none"> ● Preenchimento da posição de coda 	possível, por segmentos não-obstruintes	impossível
<ul style="list-style-type: none"> ● Complexidades estruturais no interior da sílaba 	licenciadas para respeito ao margeamento	não são licenciadas

Pela tabela, em (02), verificamos que, formalmente, os tipos B e C são bastante divergentes. O padrão B de hipocorização preconiza a manutenção do constituinte prosódico mais à esquerda, exigindo, ainda, a sua cópia quase que total mesmo que, para isso, seja necessária a emergência de um hipocorístico bastante marcado estruturalmente, como ocorre em ‘Cristina’ > ‘Crís’ ou ‘Cleonice’ > ‘Cléo’, por exemplo. Já o tipo C traz à tona dados compostos de uma única sílaba CV e, por isso mesmo, menos marcada formalmente. O ônus de ter um encurtamento composto de uma sílaba CV é, sem dúvida, uma maior perda de segmentos, o que acarreta maior opacidade nos encurtamentos, visto que se torna mais difícil detectar a que antropônimo o hipocorístico se refere; e, ainda, o fato de termos a formação de pés degenerados, pois, como não se mantém a sílaba tônica da base na maioria esmagadora dos dados, não temos a formação, necessariamente, de pés iâmbicos, mesmo o acento recaindo na última sílaba.

Cumprir destacar, também, que não há um padrão acentual muito nítido no que se refere ao tipo B de hipocorização, conforme descrito anteriormente. O padrão C, em contrapartida, dificilmente, estrutura-se a partir de uma sílaba tônica, de modo a, essencialmente, garantir uma formação hipocorística cujo pé é degenerado, como ocorre com ‘Jú’ para ‘Juliana’, ‘Ná’ para ‘Natália’ e ‘Gí’ para ‘Gisele’. Nesses casos, o que se tem é a cópia da sílaba mais à esquerda com a posição de *onset* preenchida; assim, a força pela manutenção da margem é maior do que a necessidade de a forma encurtada ter um pé bem formado.

Uma questão indiscutível acerca de possíveis relações formais entre os tipos B e C diz respeito ao fato de que, em alguns casos, C parece estar, estruturalmente, contido em B, como ocorre em ‘Alessandra’ > ‘Alê’ ou ‘Lê’, sendo a primeira forma diminuta relativa ao tipo B e a segunda, ao C. Nesses casos, podemos pensar em uma espécie de “hipocorístico do hipocorístico”, ou seja, inicialmente, tem-se a formação de tipo B de hipocorização e, depois, o encurtamento deste para a, então, formação do tipo C.

Mas, o que dizer de nomes como ‘Rosemary’ em que se pode usar a forma ‘Rôse’ e ‘Rô’. Como afirmar que ‘Rôse’ precede ‘Rô’? Diante desse impasse, resolvemos não só avaliar os hipocorísticos no que concerne à equivalência ou à aproximação entre os aspectos formais dos quatro tipos de hipocorização do português brasileiro, mas sim verificar a questão sócio-interacional quanto à eleição de uma ou outra forma de encurtamento. Ou seja, seriam os tipos A e D utilizados, indistintamente, nos mesmos contextos interacionais? E quanto aos padrões B e C?

Após a aplicação de testes cuja proposta era avaliar o grau de afetividade das formas, como a questão em (03),

(03)

Escolha, dentre as opções abaixo, o “apelido” que represente para você maior grau de afetividade/intimidade.

- a) Para Fernanda, () Fê () Nânda
b) Para Rosemary, () Rô () Rôse () Máry

obtivemos os seguintes resultados: (1) os tipos A e B são considerados [- afetivos]; (2) o padrão C, por se formar a partir de grande perda de segmentos são usados pelos falantes principalmente em contextos sócio-interacionais que demandam maior proximidade entre os interactantes e, (3) o tipo (D) não concorre nunca é com o padrão A de hipocorização, o que aponta efetivamente para o fato de que sejam um único tipo de hipocorístico.

Dessa forma, concluímos, em primeiro lugar, que o padrão D, na verdade, está contido em A, uma vez que, além de formalmente semelhantes, eles não concorrem aos

mesmos contextos interacionais. Em segundo lugar, devemos definir os padrões B e C como dois tipos de hipocorização. O que nos possibilita chegar a tal conclusão diz respeito às diferenças formais que há entre cada um dos tipos, já que, no caso de B, privilegia-se o margeamento à esquerda e, em C, o que está em jogo é a emergência de uma estrutura silábica menos marcada. Além disso, se o padrão C, segundo os informantes, é sempre possível e adotado em contextos comunicativos diferentes; logo, não podem ser considerados um único padrão de hipocorização, senão dois.

CONCLUSÃO

Como visto, a hipocorização no PB, quando interpretada como um processo não concatenativo de formação de palavras, não só admite padrões de formação bem definidos como também uma distribuição clara de seus usos em contextos sócio-interacionais familiares. Dessa forma, é imprescindível compreender a língua como um contínuo de possibilidades através da qual os falantes se deleitam ao recorrer a usos vivos e, em grande parte, não contemplados pela gramática tradicional da língua. É preciso ir além das fronteiras existentes entre cada área de estudo da linguagem para, então, compreendermos o real sentido e funcionamento de nossa língua.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELCHOR, A. P. V. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- BECKMAN, J. N. *Positional Faithfulness*. PhD. Dissertation, University of Massachusetts: Amherst, 1998.
- BENUA, L. *Identify effects in morphological truncation*. In: BECKMAN, J. (ed.) *Papers in Optimality Theory*. Massachusetts, n. 18 (1), 1995, p. 77-136.
- CÂMARA JR., M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COLINA, S. *Spanish truncation processes: the emergency of the unmarked*. *Linguistics*, 34 (1): 1199-218, 1996.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GONÇALVES, C. A. *Condições de minimalidade no molde da hipocorização*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 1, 2004, p. 10-32.
- GONÇALVES, C. A. *A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares em português: uma abordagem por ranking de restrições*. *Revista da ABRALIN*, v. 5, 2006, p. 169-184.
- GONÇALVES, C. A. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br], p. 6-39.
- GONÇALVES, C. A. & VAZQUEZ R. *Fla x Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil*. In: SILVA, J. P. (org.) *Questões de morfossintaxe*. Rio de Janeiro: CiFeFil, n. 8, 2005, p.56-64.

LIMA, B. C. *A formação de 'Dedé' e 'Malu': uma análise Otimalista de dois padrões de hipocorização*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

MONTEIRO, J. L. *Processos de formação dos hipocorísticos*. Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa. Fortaleza, 4:79-110, 1983.

MONTEIRO, J. L. *Dicionário de hipocorísticos*. Disponível em www.geocities.com/Paris/cathedral/1036, 1999.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

THAMI DA SILVA, H. *A abordagem Otimalista da hipocorização com padrão de cópia à esquerda*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ZANOTTO, N. *Estruturas mórficas do português*. Caxias do Sul: EDUCRS, 1989.

HYPOCORIZATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE: CONCEPT AND STANDARD FORMS

Abstract: *This article presents the hypocorization in Brazilian Portuguese from its concept to the organization of training patterns that govern the use of this process in proximal contexts. Hypocorization, according to Gonçalves (2004), is a non-concatenative process of word formation and, therefore, it is constituted from the loss of segmental material from a base, in this case, an anthroponym. This shortening, used in more familiar contexts, follows some training patterns, such as 'Cristina' > 'Crís', in which there is a copy of the left side of the prosodic word; and 'Francisco' > 'Chíco', whose margin occurs to the right of the base word. In this way, we will be able to understand that hypocorization is not idiosyncratic or unpredictable (ZANOTTO, 1989), but rather the productive process legitimized by the use of our language.*

Keywords: *morphology, phonology, hypocorization.*

Data de envio: 01/05/2022

Aprovação: 30/05/2022